

## **A discriminação contra mulheres negras em espaços de Campinas/SP: Espaços que transmitem a imagem racializada de um gênero e classe.**

Ana Beatriz Santos  
Universidade Estadual de Campinas  
a212632@dac.unicamp.br

### **Resumo**

O presente trabalho visa analisar as relações existentes entre as mulheres negras e espaços de Campinas, considerando, principalmente, os casos de discriminação raciais em determinados lugares da cidade. Por fim, será buscado estabelecer uma ligação entre o espaço que é considerado diferente a elas, e como isso se dá na manutenção do pensamento racista, além de buscar como essa limitação impactará na reprodução cada vez mais acentuada da pobreza entre as mulheres negras.

### **Objetivos**

Buscar estabelecer relações entre os espaços de exclusão das mulheres negras e sua relação de vivências com estes locais, além de relacionar com os casos de discriminações das mesmas, buscando desmascarar as formas físicas que conflite com a imagem da mulher negra. Além disso é de interesse buscar também, o conhecimento sobre o espaço urbano e as áreas de maior incidência cultural, educacional e de lazer, na tentativa de fazer uma ligação com os espaços da mulher negra, e por fim, entender como essas questões colaboram para a estruturação do pensamento racista, além de sustentar a feminização da pobreza.

### **Materiais e Método**

Partindo do conceito de lugar, usado como pressuposto de método, é pretendido estruturar a metodologia dessa pesquisa por meio de uma interpretação e associação dos conceitos-chaves relacionados ao tema (Lugar, formações socioeconômicas, formas espaciais, gênero e classe). Como a pesquisa trata da questão da utilização do espaço, se faz necessário, em primeiro lugar, compreender qual espaço será estudado. Neste caso, é a da região metropolitana de Campinas, diferenciando os espaços considerados da classe de baixa e alta. A pesquisa também será sustentada na análise de referências bibliográficas relacionados ao pensamento de espaços distintos a partir das classes sociais em sua formação histórica e também será utilizada como base a leitura e análise das obras: “Sesmarias, engenhos e fazendas” coordenado por Suzana Barretto, “Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras” organizado por Joseli Maria Silva e Augusto César e também a obra de Milton Santos de 1979: “espaço e sociedade”.

### **Desenvolvimento**

Partindo da afirmação de que todos os espaços são distintos entre si, em vista das formações socioeconômicas diferentes das sociedades indo de uma escala mundial até a local (Santos, 1977), pode-se compreender que em Campinas esse processo de formação espacial não é diferente, aliás, o processo histórico da cidade em razão das classes sociais e de sua economia singular permitiram a cristalização de espaços distintos.

O processo de construção dos primeiros espaços geográficos de Campinas está diretamente relacionado ao sistema econômico da cafeicultura, que era essencialmente uma relação entre barões de cafés e escravos. A partir da abolição da escravatura e da inexistência de políticas de reparação, essas pessoas iniciaram um novo período, de busca por um espaço (RIBEIRO, 2016), o que explica em Campinas, de maneira essencial, os espaços desiguais ligados a uma classe social, que também está associada a uma imagem racial, esse processo sendo muito igual ao conceito homologia classe-espaço de Soja (1993), que afirma que a partir de uma economia específica, há a determinação das classes sociais e que estas, por sua vez, determina o desenvolvimento geográfico dos espaços (SOJA, 1993).

Dentro disso, em razão desses processos de assimilação de grupos raciais a espaços, é importante especificar o caso da mulher negra, uma vez que há diversos indicadores que nos últimos anos do século XXI está a ocorrer um processo de feminização da pobreza no Brasil (SZUL; SILVA, 2017, p.05). Para além disso, é possível dizer que a pobreza além de mulher é negra, uma vez que, segundo dados do Fundo de desenvolvimento das nações unidas para mulher (UNIFEM) e o instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA), a situação em que as mulheres negras, vítimas do racismo e do sexismo, estão submetidas, são os piores indicadores em praticamente todas as áreas analisadas, como por exemplo, de escolaridade, mercado de trabalho e saúde.

A partir disso, pode-se afirmar que cada grupo social possui vivências espaciais particulares de deslocamento e de vivência do espaço. Considerando as mulheres negras, grande parte nos grupos de baixa renda, pode-se compreender que as mesmas sofrem muitos obstáculos como desinformação, transporte e principalmente a questão financeira, que limita a acessibilidade desse grupo a determinados espaços, o que acaba reforçando o ideal de espaços associados a uma classe e que por sua vez a uma imagem racial (ORNAT; SILVA, 2007).

“Determinados corpos são marcados identitariamente como sendo diferentes ou marginais, e estando associados a espaços particulares, enquanto outros são considerados normais e muitas vezes colocando-se como neutros no discurso dominante” (ORNAT, 2008, p.317).

A partir dessa relação cabe indagar acerca de quais “formas” espaciais revelam as mulheres negras como não pertencente de determinados espaços a partir de casos de discriminações raciais, que também está ligado a um processo histórico que construiu no ideal das pessoas de lugares que tem por característica a presença de uma determinada classe social que está ligada por sua vez a uma imagem racial, e isso de maneira geral expõe elas como não pertencente desses espaços, uma vez que identificam nelas uma imagem não assemelhada a essas formas, o que expõe as práticas idealizadas relacionadas às mulheres negras e seus espaços de pertencimento, e por outro lado, os espaços de exclusão (SANTOS, 1997).

## Referências

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul./dez., 2008

ORNAT, Marcio; SILVA, Joseli M. Deslocamento cotidiano e gênero: Acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa - Paraná. *Revista de História Regional*. 2007.

PINHEIRO, Luana; SOARES, Vera. Retrato das desigualdades: Gênero e Raça. Brasília. 2006.

RIBEIRO, Suzana Barretto (Coord.). Sesmarias, engenhos e fazendas: Arraial dos Souzas, Joaquim Egydio, Jaguaré: (1792-1930). Campinas, SP: Direção Cultura, 2016. 3 v., il, mapas, fotografias. ISBN 9788560947027 (obra completa: broch.).

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, n. 54, 1977.

SOJA, Edward W. Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1993.

SZUL, K. D.; SILVA, L. M. Feminização da Pobreza. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.